

Bem vindo à obliuia: análise da ideologia de katy Perry em Chained to the rhythm

Caio Matheus de Jesus Pinheiro¹

RESEMO: O mundo da música pop não está ligado aos problemas políticos e sociais da atual sociedade. É comum que canções desse gênero tragam temas como festa, sexo e relacionamentos amorosos, Katy Perry se encaixava nessa categoria, mas ao lançar *Chained to the Rhythm*, primeiro single do seu álbum, a cantora se torna uma das atuais cantoras do gênero a se rebelar e tentar criar uma ponte entre música pop e os problemas da sociedade moderna, que segundo a cantora, encontra-se presa no conforto e na ilusão. Este trabalho apresenta um breve apanhado das canções de protesto e faz uma análise da letra, lyric vídeo e videoclipe que ironizam diversas questões da atual sociedade, argumentação esta que abordará teóricos como Zygmunt Bauman, Leonidas Donskis e outros.

Palavras-Chave: Sociedade; *Pop Music*; Mídia; Pós-Modernidade; Protesto;

ABSTRACT: The pop music world isn't linked to the political and social problems of today's society. It's common that the songs of this kind of music to bring themes such as parties, sex and romantic relationships, Katy Perry fit on this category, but when she released *Chained to the Rhythm*, the first single from her album, the singer became one of the current female singers of the gender to rebel and try to create a bridge between pop music and the problems of modern society, which according to the singer, is chained in comfort and illusion. This work presents a short research about the protest songs and an analysis of the lyric, lyric video and music video that ironize several issues of the current society, this argumentation approaches theoreticians such as Zygmunt Bauman, Leonidas Donskis and others.

Keywords: Society; Pop Music, Media Post-modern; Protest;

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como principal objetivo examinar a visão da sociedade moderna apresentada pela cantora estadunidense Katy Perry, que utiliza a composição musical para manifestar mensagens sociais e apresentar diversos questionamentos. Trazendo também um paralelo entre as canções de Perry e a poesia *beat* e as *protest songs*, passando pelo início do movimento que ficou bastante popular nos Estados Unidos no final da década de 1950 entre jovens escritores e poetas como Jack Kerouac e William S. Burroughs, e cantores como Bob Dylan, até a atualidade com cantoras como Lady Gaga e Madonna que usam suas músicas para falar sobre sexualidade, padrões de beleza, etc.

¹ Graduando no Curso de Letras, Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus V.

Sendo uma das mais recentes cantoras pop a rebelar-se e tentar utilizar o *pop music* atual como uma forma de *protest song* ao lançar “*Chained to the Rhythm*”, primeiro single do seu novo álbum, Katy Perry expressa seu pensamento crítico e tenta abrir espaço para o debate de temas que não são tão discutidos. A própria cantora ao retratar sua canção a descreve como uma forma de fazer com que questões (não debatidas) surjam em nossa mente.

A letra, o *lyric video* e o videoclipe da canção ironizam diversos problemas e tem inspiração em livros distópicos como 1984 de George Orwell. Tendo essa ideia em mente visamos apresentar ao leitor demonstrações de como a música atual também pode trazer um pensamento crítico e sociológico ao ouvinte, através do uso das passando pelo conteúdo histórico do movimento beat e por outros cantores que demonstraram esse interesse pelo protesto através de canções e fazendo uma análise das formas de divulgação que Perry encontrou para promover sua música e espelhar o seu pensamento crítico, abordando teóricos como Zygmunt Bauman, Leonidas Donskis e outros.

PROTEST SONG: A UTILIZAÇÃO DE CANÇÕES COMO FORMA DE PROTESTO

Antes de problematizarmos a canção de Katy Perry, precisamos voltar no tempo e nos informar um pouco sobre músicas que visavam conduzir uma questão social para os ouvintes. Claro que protestar em uma canção não é algo que surgiu na atualidade, artistas utilizam canções como forma de demonstrar insatisfação há muito tempo. Um dos primeiros e principais movimentos que usou as letras de músicas como uma referencia ideológica é conhecido como *bebop* (1945), um estilo que misturava jazz e blues, nada dançante, mais “intelectual” e inovador que contrariava o *Swing* (1930), estilo de jazz que apresentava uma batida bastante animada e dançante. O *bebop* teve como principais idealizadores o saxofonista Charlie Parker juntamente com Dizzy Gillespie.

Foi no final dos anos 50 e início da década de 1960 que surgiu o *protest song*² um movimento de mudança social em que as canções tinham como objetivo abordar temas como liberdade de expressão, intolerância religiosa, direitos civis, os direitos dos

² Em português: Canção de protesto

homossexuais e das mulheres, a liberdade de escolha sexual, ambientalismo, etc. Nessas canções os autores colocam sua poética em benefício de uma dessas ideologias e expressam seu pensamento crítico, apelando na maior parte do tempo para o sentimento de justiça.

Esse movimento intitulado *protest song* se enquadra na forma de protesto “contracultura” conhecido como movimento *beat*. Essa ideologia jovem foi criada e se tornou forte no final dos anos 50, justamente quando a sociedade americana estava presa em uma linha de pensamento bastante polemica conhecida como *American way of life* (Em português, Jeito/Modo Americano de Vida).

Definido pelo seu idealizador, o autor norte-americano Jack Kerouac (Massachusetts, 1922-1969), como um movimento que busca a "beatitude" e "beatífico", algo parecido com um tipo de felicidade serena, sem inquietações ou restrições. Todos os membros dessa linha ideológica eram contemplativos e tinham como hábitos amar a natureza, ao próximo e meditar. O primeiro passo para que o movimento *beat* se espalhasse foi através da escrita de livros que pregavam liberdade e uma vida sem medo de ser feliz. "Pé Na Estrada", de Jack Kerouac, "Uivo", de Allen Ginsberg e "Almoço Nu", de William S. Burroughs são considerados a trindade dessa geração tão intensa e intelectual. O meio cinematográfico dialogava diretamente com a literatura, filmes como *Beat Girl* (1960) marcaram a época e o movimento. Já no meio musical a turma *beat* se tornou forte com o apoio de Jim Morrison e principalmente de Bob Dylan.

O ganhador do prêmio Nobel de Literatura em 2016, Bob Dylan é bastante lembrado por seu comportamento contracultura, sendo motivo para diversas pesquisas e argumentações sobre sua linha de pensamento e canções manifestantes contra a ideologia padrão. O cantor caracteriza-se por compartilhar os problemas político-sociais com sua poesia em forma de música que conduz o leitor a uma reflexão, para que haja transformações.

Seguindo o que foi dito acima, temos como exemplo a canção *Union Sundown*:

This world is ruled by violence
But I guess that's better left unsaid
From Broadway to the Milky Way

That's a lot of territory indeed
And a man's gonna do what he has to do
When he's got a hungry mouth to feed. (DYLAN, 1983)

Esse pequeno trecho de uma das canções mais conhecidas de Dylan é o suficiente para mostrar o que foi afirmado acima, o cantor traz questões que estavam presentes na sociedade nos anos de 1980, como mão de obra barata, consumismo, sede de poder e guerra através de metáforas e ambiguidades. Se compararmos a sociedade retratada na canção de Bob Dylan em 1983, muita coisa permanece igual. Um dos fatos mais curiosos e incríveis sobre as canções de Dylan, é que para o ouvinte ter uma compreensão do que está sendo protestado na música ou que o cantor deseja afirmar é necessário que a pessoa esteja a par do contexto histórico da época em que a canção foi lançada, afinal para se fazer uma reflexão ideológica é necessário saber o que está acontecendo no mundo e ao seu redor, assim como afirma BAUMAN (1998, p. 15) “*sem estar a par da invasão, não se sabe que chegou a hora de agir e pode-se facilmente ser tranquilizado pela ilusão de segurança*”. O artista é considerado um dos grandes mestres do uso de metáforas em canções. Assim como afirma CESAR (1990, pág. 41):

Ao realizarmos nosso estudo sobre a natureza da temática ideológica e contra-ideológica de Bob Dylan, ao decodificarmos sua forma composicional, não iremos encontrar uma poética simples, linear, mas sim uma poesia elaborada num eterno jogo de palavras, sendo o hermetismo uma característica em toda sua obra.

Assim como Dylan, diversos artistas buscaram transmitir uma ideologia crítica para seus fãs e ouvintes, temos o exemplo do grupo de punk/rock *Sex Pistols*, banda britânica que através de uma forma peculiar pregava em suas canções uma ideologia contra a monarquia britânica e defendia a classe operária. *God Save the Queen* é um bom exemplo para isso, cheia de metáforas, a canção é um desabafo da população entoado pelo vocalista Johnny Rotten com versos como “*God save the Queen/ she ain't no human being/ There is no future/ In England's dreaming*”. A letra é alinhada à raiva de muitos jovens britânicos desempregados que não viam o futuro risonho que era prometido pelo sistema.

O que nos faz lembrar a situação que aconteceu no Brasil nos anos 60, um momento dominado por um regime militar que era composto por repressão e a censura que deu origem ao *protest song* no país, cantores como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, entre outros participaram desse movimento musical que via na música uma

forma de criticar o governo e de chamar a população para a luta. Podemos citar músicas como “É Proibido Proibir” e “Que as Crianças Cantem Livres”.

Como dito anteriormente *protest songs* não têm apenas como objetivo problematizar o governo corrupto, mas também a liberdade sexual, religião, etc. Um bom exemplo para essa questão de intolerância religiosa é a música *Sunday Bloody Sunday* da banda irlandesa U2, a canção lançada em 1983 aborda principalmente o “Domingo Sangrento” fato ocorrido em 1972, em Derry, na Irlanda do Norte, um acontecimento que graças ao extremismo religioso entre católicos e protestantes resultou na morte de dezenas de pessoas. Dentre as vítimas, seis menores de idade faleceram. Todas as vitimas estavam desarmadas e cinco delas foram alvejadas pelas costas.

Como vimos os exemplos citados acima são artistas de folk, rock e o punk. O *pop music* não ficou fora disso, mas não teve uma participação tão grande quanto os outros estilos musicais, afinal o pop, muitas vezes, é considerado um dos fenômenos enquadrados na cultura de massa, ou seja, sua principal função é agradar, trazer lucro e gerar consumismo. Mas essa ideologia não impediu que artistas pop utilizassem as músicas como forma de crítica social, os reis do pop Michael Jackson e Madonna se destacaram por terem um grande apelo em suas canções. Jackson pregava contra a discriminação racial e Madonna criticava o clássico pensamento *American Dream*. A cantora defendia as causas LGBT, a liberdade sexual e de expressão, Michael Jackson dentre as inúmeras canções de sucesso produziu uma música que virou símbolo da luta contra a discriminação racial, *Black or White*. Já Madonna, é possível citar *Material Girl*, canção que fala sobre materialismo e os moldes que são impostos às mulheres. Por serem considerados rei e rainha do pop, o estilo ousado e inovador de ambos veio a influenciar toda posterior geração.

Essa geração influenciada pelos reis do pop abordam alguns dos assuntos mais comentados na sociedade atual, o bullying e os padrões de beleza, músicas como *Who’s Laughing Now* (2011) e *Beautiful* (2002) das cantoras pop Jessie J e Christina Aguilera, respectivamente, abordam esses temas nas suas canções com base em experiências próprias. Outra que deve ser lembrada é Lily Allen, que ao lançar a música *F**K You* (2009) discute sobre a hipocrisia da sociedade e segundo a cantora a música também é dedicada aos pensamentos medievais e repressores de um antigo presidente dos EUA.

Lady Gaga é uma cantora que segue a mesma linha de pensamento de Madonna, a artista possui vários fãs LGBT e não esconde que ama apoiá-los. *Born This Way* e *Hair* (2011) são músicas de Gaga que revelam sua luta contra a discriminação e trazem um apelo sobre a liberdade do ser humano de ser quem quiser, sem que seja julgado por isso. A cantora pop Beyoncé também é responsável por abordar discussões feministas, beleza e racismo em suas músicas, ****Flawless (Feat. Chimamanda Ngozi Adichie)* [2013], *Flawless (feat. Nicki Minaj)* [2014] e *Run the World (Girls)* [2011] são ótimos exemplos para isso. A canção *Pretty Hurts* (2013) trás um apelo para que deixemos de lado os padrões de beleza exigidos hoje em dia, que muitas vezes se tornam mais importantes do que a identidade de uma pessoa. E a mais recente, *Formation* (2016), é uma luta contra o racismo, a valorização da beleza negra, e obviamente, o feminismo.

Uma das cantoras que recentemente aderiram esse movimento foi Katy Perry, a cantora do *pop music* bastante conhecida por “músicas chicletes” – um tipo de canção que é escrita com o intuito de ficar na mente do ouvinte facilmente e sem nenhum pensamento crítico na letra – lançou *Chained to the Rhythm* uma canção política e ideológica que segundo a própria cantora é feita para quebrar barreiras e gerar o pensamento crítico.

KATY PERRY: DO POP MUSIC À PROTEST SONG

Preparando-se para voltar ao meio musical depois de quatro anos do lançamento de seu último álbum *PRISM* e três anos sem divulgar músicas inéditas, a cantora californiana Katy Perry trabalha no lançamento do seu tão aguardado quarto álbum de estúdio, *WITNESS*. Conhecida principalmente por músicas que falam sobre festa (*Last Friday Night*), diversão (*This is How We Do*), relacionamento amoroso (*Teenage Dream*) e até mesmo sexo (*Peacock*), Perry vem prometendo há certo tempo aos seus fãs uma fase mais madura, reflexiva e quem sabe, até mesmo política. Em dezembro de 2016, a cantora afirmou que sentia a necessidade de usar sua voz e sua música para falar sobre as injustiças e os problemas sociais da nossa sociedade, ela chegou a escrever em sua página oficial na rede social *Instagram* o seguinte:

É engraçado, pois às vezes as pessoas que discordam de mim apenas dizem: ‘cale a boca e cante’. Cara, eu vou, e vou fazer isso de uma maneira totalmente nova... no próximo ano. O inferno não tem fúria como uma mulher RENASCIDA.
PERRY (2016)

Em 10 de fevereiro de 2017, com o lançamento do seu *lead single* para essa nova fase *Chained to the Rhythm*, em parceria com o cantor jamaicano Skip Marley, Katy Perry cumpre sua palavra e apresenta ao mundo uma canção com diversas discordâncias à atual situação política nos EUA e no mundo, várias referências a famosos livros e filmes distópicos como 1984 de George Orwell e o mais importante, uma crítica à atual sociedade que é extremamente conformista e que está presa ao próprio conforto, deixando de lado o pensamento crítico e que apresenta sérios problemas de miopia as dificuldades sociais.

Assim como afirmam BAUMAN e DONSKIS (2014, p. 15):

O mal não está confinado às guerras ou às ideologias totalitárias. Hoje ele se revela com mais frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa, quando nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso.

Seguindo essa ideologia, Katy Perry, em parceria com os co-escritores Sia Furler, Skip Marley e Max Martin, trazem uma canção que pode ser considerada uma das formas mais eficazes e argutas de fazer uma crítica ao nosso conformismo na atualidade, pois uma canção pode atingir todo o mundo, propagando a mensagem sem precisar de apoio da TV ou de outros meios, assim abrindo espaço para o debate desse tema tão delicado. Como foi visto antes, Perry não é a primeira nem será a última artista a manifestar sua insatisfação e fazer uma crítica sociológica em uma música. O que mais chama atenção é o fato de Perry mudar totalmente o comportamento apresentado nos seus antigos álbuns ou de se distanciar das letras clichês de suas músicas já lançadas.

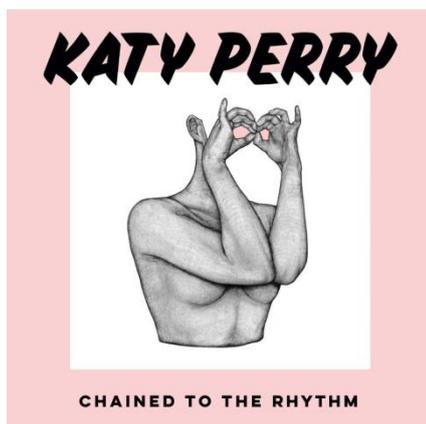
Katy Perry faz o que propõem no seu *single*, a cantora que estava acorrentada ao ritmo de fazer músicas para a indústria e fechar os olhos para o que acontece ao redor, quebra a sua corrente e se liberta saindo da sua bolha de conforto. Isso nos remete ao pensamento de BAUMAN (1998), que afirma que você ganha alguma coisa, e, em troca, perde alguma outra coisa. Perry deixou a cegueira moral de lado e ganhou uma nova visão de mundo, mas também perdeu a sua segurança e todo o conforto que ela estava acostumada a viver no mundo da música, colocando em risco sua popularidade, a fidelidade de alguns fãs que estão acostumados com suas músicas clichês e etc.

Perry vem fazendo um ótimo trabalho com CTTR (sigla utilizada pelos fãs e pela cantora para falar sobre o *single*, *Chained to the Rhythm*), não só com a canção, mas tudo que é

lançado relacionado à música tem um significado e uma crítica sociológica camuflada, esperando para ser procurada, localizada e criar um pensamento crítico nos ouvintes. Desde a capa do single ao videoclipe, e até performances em premiações, somos convidados a uma reflexão, reflexões essas sobre a sociedade líquida, ao amor por ideais vagos, à desigualdade, ao nosso afeto pelas redes sociais acima de quase tudo e como o título sugere, a forma que todos são levados a seguir na mesma direção e como estamos presos nela, achando que é a coisa certa a fazer.

Chained to the Rhythm: A capa do Single

O primeiro conceito da música a ser apresentado aos fãs estava presente na capa do *single*. A *cover art* da música traz um pessoa cinza – que representa a falta de emoção e a pouca carga emotiva cérebro e rosto, que vê contato rosa que foram escolhida para as representar fantasia, Assim, a pessoa está através das lentes que da pessoa – que não tem um o mundo através de lentes de colocadas em suas mãos. A cor lentes é rosa pelo fato da cor encantamento e perfeição. enxergando um mundo perfeito a ela foram concedidas.



Capa do Single “*Chained to the Rhythm*”³

³ CHAINED TO THE RHYTHM now available everywhere
Disponível em: <https://www.katyperry.com/chainedtotherhythm-now-available-everywhere/>; Acesso em:
10/02/2017

Chained to the Rhythm: A letra

A letra da canção *Chained to the Rhythm* não tem apenas como objetivo criticar a atual situação da política nos EUA, mas também a sociedade em geral. Tanto que nos primeiros versos da música, a cantora começa falando sobre um dos comportamentos mais comuns na atual sociedade do conformismo. Perry afirma:

Are we crazy?
Living our lives through a lens
Trapped in our white-picket fence
Like ornaments [...]
Happily numb
So comfortable, we're living in a bubble.⁴

A cantora expõe que estamos tão presos em nosso conforto, em nossa própria “bolha” de ilusão, alheios aos problemas, como a volta do conservadorismo, a violência contra mulher e LGBTs, a fome, etc. que aparentemente, não nos atinge, como afirma Perry, que acabamos criando uma *utopia*⁵.

Nos versos seguintes a cantora diz “*So put your rose-colored glasses on, and party on*” Perry faz uma referência à capa do próprio single e a forma como nós esquecemo-nos dos problemas ao colocarmos um filtro de perfeição em nossos olhos ou então simplesmente fingimos que não estamos vendo nada. Assim como a própria intérprete da canção afirmou durante uma entrevista no *GRAMMY AWARDS 2017*, “Acho que estamos vendo o que estamos vendo e continuamos adormecidos ou apáticos” É então que no refrão da música a cantora ressalta o quão acomodado nós estamos:

Turn it up, it's your favorite song
Dance, dance, dance to the distortion
Turn it up, keep it on repeat

⁴ Tradução: “Estamos loucos?
Vivendo nossas vidas através de uma lente
Presos em nossa cerca branca de madeira
Como ornamentos [...]
Alegremente entorpecido
Tão confortáveis, estamos vivendo em uma bolha, bolha”

⁵ Ideia de civilização ideal, fantástica, imaginária e perfeita. Também é um gênero literário que apresenta sociedades perfeitas ao leitor.

Stumbling around like a wasted zombie
Yeah, we think we're free
Drink, this one is on me
We're all chained to the rhythm.⁶

Usando o “ritmo” como uma metáfora para se referir ao sistema da nossa sociedade, não só o governo, mas também a mídia, as grandes companhias, etc. O refrão problematiza a forma como esse princípio opressor que está em nossa civilização faz com que fiquemos focados em fazer uma coisa, em um ritmo de vida, preocupados com o nosso bem estar, isso nos remete ao que é afirmado por BAUMAN (2007, p. 8) sobre a sociedade líquida e a sua rotina:

As preocupações mais intensas e obstinadas que assombram esse tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar de rumo antes de tomar um caminho sem volta.

Perry ainda afirma em sua canção que quando tentamos abrir os olhos basta a nossa música favorita começar a tocar para fazer com que dancemos para a distorção até esquecermo-nos dos problemas sociais e voltando ao nosso conforto, nos iludindo com uma falsa liberdade, enquanto dançamos acorrentados ao mesmo ritmo tropeçando e não compreendendo absolutamente nada, feito zombies.

Are we tone deaf?
Keep sweeping it under the mat
Thought we could do better than that
I hope we can⁷

Na segunda parte da música, Katy Perry além de reafirmar que continuamos vendo as coisas e mesmo assim prosseguimos fingindo que nada aconteceu “*varrendo as coisas*

⁶ Tradução: “Aumente o som, é a sua música favorita
Dance, dance, dance com a distorção
Aumente o som, coloque para repetir
Tropeçando por aí como um zumbi bêbado”

⁷ Tradução: “Estamos surdos?
Continuamos varrendo tudo pra debaixo do tapete
Achei que podíamos fazer melhor que isso
Espero que possamos.”

para debaixo do tapete”, como afirma a cantora em um trecho da música, mas mesmo assim ela fala que tem esperanças de que as coisas vão melhorar que iremos acordar e que poderemos fazer algo melhor do que estamos fazendo neste exato momento.

O contexto político da canção se torna mais explícito com a entrada do cantor Skip Marley, que começa o seu refrão dizendo “*It is my desire / Break down the walls to connect, inspire.*”⁸. Marley traz uma referência ao afamado muro que o atual presidente dos EUA deseja construir entre o México e os Estados Unidos da América, na tentativa de impedir a entrada de imigrantes e refugiados no país. Em seus versos Marley expressa que ele não quer muros impedindo a conexão entre as pessoas, ele quer um lugar aberto e justo para todos. Ele como imigrante e negro é o cantor correto para gritar ao mundo que não devemos construir muros para separar as nossas divergências, mas sim derrubar essas barreiras para nos conectarmos. Tanto que esse foi um dos fatos que levou Perry há escolhê-lo para fazer a parceria, além do fato de ser imigrante idealista, o cantor transmite as mesmas ideologias de busca pela liberdade que a cantora estadunidense:

Time is ticking for the empire
The truth they feed is feeble
As so many times before
They greed over the people
They stumbling and fumbling
And we're about to riot
They woke up, they woke up the lions⁹

Ele encerra sua participação na música mostrando que também acredita que a sociedade pode acordar e sair desse mundo cor de rosa, que o poder que esse governo opressor apresenta pode acabar a qualquer instante, afinal o que eles pregam é mentira que pode ser revelada a qualquer minuto e o principal, pessoas estão acordadas e compreendem tudo o que está acontecendo.

⁸ Tradução: “meu desejo é derrubar os muros para nos conectarmos, nos inspirarmos”.

⁹ Tradução: “O tempo está contado para o império

A verdade que eles alimentam é fraca
Como muitas outras vezes antes
Eles são gananciosos sobre o povo
Eles estão tropeçando e sendo descuidados
E nós estamos prestes a nos revoltar
Eles acordaram, eles acordaram os leões”

Os leões que são citados no final do refrão do cantor são uma referência à música *Lions* de Marley, que fala sobre pessoas manifestar-se e lutarem por sua liberdade, para que seus “rugidos” sejam ouvidos.

A canção termina com Perry reafirmando uma frase que foi dita durante a música inteira: “‘Cause we’re all chained to the rhythm” apenas para reafirmar continuamos presos e obedecendo ao ritmo que o sistema deseja que sigamos.

Chained to the Rhythm: O Lyric Video

Junto com a canção lançada no dia 10 de fevereiro, Katy Perry disponibilizou em seu canal na VEVO um *lyric video* um pouco diferente dos seus *lyrics* lançados até então e claro, com uma crítica relacionada ao que a música propõe.

No vídeo, somos apresentados a um hamster, que foi apelidado por Katy Perry de Mr. Parsons (a cantora confirmou na sua conta oficial da rede social *twitter* o nome do “mascote”), a primeira referência ao livro distópico *1984* de George Orwell. Na história do autor britânico, Parsons é um dos personagens mais alienados e que tem como principal característica sua imutável fidelidade ao governo autoritário do Grande Irmão, que observa a sociedade vinte e quatro horas por dia e os enganam através da mudança de números e constantes notícias falsas.

No lyric acompanhamos a rotina do hamster em sua casa, que passa o tempo inteiro assistindo TV, que transmite outro hamster andando infinitamente em círculos, enquanto uma mão gigante prepara a comida de Parsons. No final, o ratinho recebe sua refeição sem se questionar quem fez ou como aquilo chegou até ele.

O hamster andando em círculos infinitamente nos faz lembrar que em nossa sociedade, às vezes caminhamos, caminhamos, mas não saímos do lugar, assim não tendo evolução nenhuma. Parsons assistindo ao outro hamster andando em círculos na tv representa as pessoas que estão vendo a opressão, a raça humana se digladiando, etc. e não fazem nada para mudar aquilo, enquanto quem está no poder continua controlando nossa vida assim como a mão gigante que domina tudo no vídeo.

Chained to the Rhythm: O Vídeoclipe

Dias antes do lançamento do videoclipe, para ser mais exato no dia 18 de fevereiro de 2017, foi divulgado um trailer promocional do vídeo no canal do *Youtube* da cantora, com o propósito do vídeo é fazer algo parecido com um anúncio de TV, que divulgava um convite para a inauguração de um parque temático onde as pessoas poderiam se divertir bastante e dar voltas em brinquedos extraordinários.

O videoclipe foi lançado em 21 de fevereiro de 2017 e é, depois da canção, a principal forma que Perry encontrou para protestar em sua nova fase. O clipe é dirigido e idealizado por Mathew Cullen, Danny Lockwood e Katy Perry, foi gravado no *Six Flags Magic Mountain* – um dos maiores parques temáticos do mundo – localizado em Valencia, no norte de Los Angeles em janeiro de 2017. O vídeo se passa, como foi dito antes, em um parque de diversões e conta com diversos elementos já familiares que foram apresentados na música e múltiplas críticas escondidas.

A primeira dela é que o parque fictício onde tudo acontece é nomeado de *Oblivia*¹⁰, cujo principal propósito é que você entre nesse universo paralelo, e esqueça os problemas brincando e se divertindo. O cenário é uma mistura de diversos elementos distópicos como visual colorido que foi inspirado na *Capital* do livro e filme “Jogos Vorazes” e os brinquedos tecnológicos que foram inspirados na série de ficção científica *Black Mirror*, antologia que apresenta histórias que se passam em um futuro não muito distante e quase todas mostram o que a tecnologia – ou o nosso vício em redes sociais e coisas do tipo - pode nos levar.

O primeiro comportamento pós-moderno a ser criticado no vídeo é atenção direcionada, quando diversas pessoas param para observar o símbolo de *oblivia*, mesmo que aquela alegoria não fosse tão interessante como outras coisas no parque, todos pararam para observá-la porque viram outras pessoas observando aquilo. Seguido por uma cena muito comum na atual sociedade, a tecnologia acima de tudo, vemos algumas pessoas presas aos seus celulares ou aparelhos tecnológicos, obcecadas em atualizar suas redes sociais e em tirar suas perfeitas *selfies* e nem perceber o está acontecendo ao seu redor.

Nos minutos seguintes do vídeo somos apresentados ao primeiro grande “brinquedo” do parque, o *The Great American Dream Drop*, um casal entra no brinquedo, guiados por

¹⁰ Palavra derivada do Latim que significa “Esquecimento”.

homens com roupas espaciais e bolhas na cabeça. Essa é a primeira crítica explícita do vídeo ao governo americano e o seu projeto *Make America Great Again*, a bolha na cabeça dos guias que trabalham no parque é uma crítica ao isolamento e claramente uma referencia a letra da música “*So comfortable, we're living in a bubble*”¹¹, um fato interessante sobre esses guias que trabalham no parque é que eles usam máscaras com rostos felizes, ou seja, não demonstram outro sentimento além da felicidade forçada que foi moldada naquela pessoa, como em uma mascara. Além da censura ao grande sonho americano com a ideologia de família perfeita e tradicional, onde basicamente você precisa trabalhar para ter dinheiro, casar e ter filhos. Isso nos lembra dos padrões que são exercidos na nossa sociedade, como alguns padrões antigos estão voltando à tona e o quanto algumas ideologias são mantidas em nossa mente. Minutos depois vemos as casinhas sofrendo um impacto e despencando, isso é uma referência à crise imobiliária dos EUA que aconteceu em 2008 que afetou grande parte da população americana, tentando nos passar mensagem de que esse sonho de perfeição não é tão estável quanto queremos que pensemos que é, mas sim uma coisa instável e que causa estragos a qualquer momento.

Momentos depois, Perry é vista cheirando uma flor e espetando o dedo nela. Segundo a cantora a censura nesta cena é sobre as falsas aparências, às vezes nem tudo o que é bonito é confortável e capaz de nos fazer bem, assim como uma rosa cheia de espinhos. É então que somos apresentados à atração *LOVE ME*, uma montanha russa que traz três questões importantes. A primeira dela é a separação de gênero, quando os assentos são determinados pelas cores azul e rosa os lugares que os homens e as mulheres precisam sentar, depois o carrinho começa a andar e entra em um túnel onde somos apresentados à metáfora sobre as redes sócias e a aprovação que buscamos através das curtidas, às vezes tornando-as mais importante do que outros tipos de valores. Por fim, através do resultado do *LOVE ME* vemos que o número do contador da personagem de Katy Perry, que se chama Rose, é muito menor que o do personagem masculino, cujo nome é Simon, mesmo que os dois tenham feito as mesmas coisas. Isso é claramente uma crítica ao machismo e mostra os privilégios do homem que ainda está presente na nossa sociedade.

¹¹ Tradução Livre: “Tão confortáveis, estamos vivendo em uma bolha, bolha”

A crítica seguinte é à manipulação e como somos influenciados, isso é retratado através de uma cena que mostra pessoas andando em fila em passos iguais enquanto são direcionadas por setas reluzentes no chão. O sistema lhes indica o que fazer e direciona para onde ele quer que você vá criando uma ordem. BAUMAN (1998, p. 7-8) afirma:

Ordem é uma espécie de compulsão à repetição que, quando um regulamento foi definitivamente estabelecido, decide quando, onde e como uma coisa deve ser feita, de modo que em toda circunstância semelhante não haja hesitação e indecisão.

Observando a cena um pouco melhor. No canto esquerdo do vídeo vemos um contador que está escrito *wait time* com o símbolo de *Oblivia* e *1984 hours*. O 1984 foi escolhido como forma de referenciar o livro de Orwell, afinal as pessoas estão andando em fila e seguindo a ordem assim como os personagens do livro fazem seguindo a ideologia do grande irmão. Além da referência ao clássico distópico, Perry tenta nos mostrar o quanto nós perdemos tempo de nossa vida esperando por coisas desnecessárias. As pessoas estão dispostas a esperar por 1984 horas para brincar em um brinquedo sendo que outros brinquedos até mais interessantes estão disponíveis para a diversão de todos.

Em seguida, somos apresentados ao terceiro brinquedo do parque o *NO PLACE LIKE HOME*. O intuito do brinquedo é arremessar negros, imigrantes, etc para o outro lado de um muro que cerca o parque - Um fato interessante e que chamou a atenção dos fãs é que no início do clipe, vemos *Oblivia* cercada por um grande muro, o mesmo que as pessoas são arremessadas, e que separa o grande parque de um deserto. Esse deserto pode ser uma alusão ao Deserto de Chihuahua, que se estende pela região da fronteira dos Estados Unidos com o México - além de trazer uma referência da música cantada por Skip Marley, esse é outro elemento explícito do clipe que faz uma crítica direta ao governo americano e seus planos de construir um muro para separar os EUA do México e da ideologia do presidente de “limpar” o país expulsando os imigrantes para assim podendo estabelecer a ordem e fazê-lo puro novamente, seguindo a ideologia do *Make America Great Again*. BAUMAN (1998, p. 14) afirma sobre esse sentimento de pureza:

A pureza é uma visão das coisas colocadas em lugares diferentes dos que elas ocupariam, senão fossem levadas a se mudar outro, impulsionadas, arrastadas ou incitadas, e é uma visão de ordem [...]. Não há nenhum meio de pensar sobre a pureza sem ter uma imagem da “ordem”, sem atribuir às coisas seus lugares “justos” e “convenientes”.

As ideologias apresentadas se parecem, mas obviamente uma está errada. Separar as pessoas por serem de raça, países, situação econômicas e sexo diferentes não é o correto, o fato de uma pessoa ser diferente da outra não a torna impura ou suja para que seja necessária uma limpeza e que elas sejam colocadas em lugares diferentes. O que é necessário é a busca pela inclusão e igualdade.

Depois somos apresentados a outro brinquedo, o *BOMBS AWAY*, onde várias bombas atômicas são arremessadas sem pausa, livremente. A atração ironiza a violência e a guerra, que muitas vezes são vistas como diversão. Seguindo o pensamento do *bombs away*, vemos Katy Perry correndo no parque enquanto pessoas com algodões-doces em formato de explosões de bombas nucleares andam livremente pelo parque. Na verdade vemos essa ironia das explosões nucleares durante grande parte do clipe, uma forma de nos alertar que a terceira guerra mundial pode acontecer a qualquer momento.

Na atração seguinte, intitulada *Inferno H²O*, vemos Perry feliz e dançante (como em um comercial de TV) em um posto de gasolina enquanto é servida por *drinks* de combustível que pegam fogo. Isso é uma clara referência à publicidade atual, como somos influenciados por ela em todos os momentos na TV, no rádio, na internet, e em determinados momentos chegamos a seguir tudo que a propaganda sugere. Além de uma referência à dependência da sociedade ao petróleo e a poluição da água graças à ganancia por mais e mais óleo, o que pode levar a uma guerra.

A penúltima atração é o *A nuclear Family Show in 3D*, nesse momento todas as pessoas presentes no parque se direcionam e se acomodam em frente a uma TV gigante para assistir a exibição de o que parece ser um filme, talvez essa seja uma referência à 1984, quando toda a população para o que está fazendo para assistir aos pronunciamentos que o grande irmão tem a fazer ou até mesmo os dois minutos de ódio, quando as pessoas são obrigadas a se assentar na frente de um aparelho televisivo para assistir aquela exibição.

Enquanto os telespectadores estão vidrados na tela, uma família formada por um homem (que está lendo um jornal), uma mulher (que está passando roupas) e uma criança (que está pintando um desenho com um ursinho na mão) está em frente do aparelho, ironizando novamente a ideologia de família ideal e os tradicionais moldes familiares, além do poder de convencimento que as mídias têm, podendo então manipular a

civilização à seguir esse modelo único de família. O filme começa e vemos na tela um hamster correndo em uma roda e outros ratinhos observando, nesse momento Katy Perry tenta passar a mensagem que as pessoas estão sendo apresentadas ao que elas devem fazer no parque, uma pessoa deve correr na roda (assim como o hamster), enquanto as outras a observam fazer isso (como os outros ratinhos) assim como foi visto na TV. Essa crítica é sobre como nós ficamos entusiasmados em fazer algo só porque vimos aquilo em um programa de tv ou algo do tipo.

É então que uma das cenas mais importantes do clipe acontece, a personagem de Katy Perry começa a perceber que é a única pessoa presente naquele local a não estar no ritmo sincronizado das outras pessoas, e então o cantor Skip Marley surge, começa a cantar e sai da TV gigante com o intuito de despertar o senso crítico das pessoas, mas apenas Perry consegue perceber isso, ironizando o fato de que muitas vezes pessoas tentam nos alertar sobre algo e que poucas pessoas conseguem realmente ouvir e capturar o que está tentando ser dito.

O filme acaba e todos que estavam assistindo começam a dançar freneticamente em uma coreografia idêntica como se nada tivesse acontecido e Marley nem tivesse aparecido, enquanto a personagem de Perry percebe que adquiriu o pensamento crítico e se libertou desse ritmo que aprisiona todos naquele parque de diversões. Nesse caso não temos uma crítica, mas sim uma tentativa da cantora fazer com que as pessoas, assim como ela no videoclipe, acordem do transe e sai do ritmo que nos aprisiona em uma bolha de conforto.

Segundos antes de o vídeo acabar nos vemos o último brinquedo do parque, a Roda de Hamster, que está ligado ao lyric vídeo da canção e ao que foi exibido na TV minutos antes, onde as pessoas correm e não chegam a lugar nenhum até que eles caiam. É então que Rose, personagem de Katy Perry, sobe no brinquedo para correr nele assim como outros fizeram durante o vídeo, mas a única diferença é que Rose começa a andar na roda e percebe que não vai a lugar algum, e o quanto nossa sociedade está presa a um sistema que possui o mesmo ciclo. No final do vídeo, ela fica em pé na roda que para e vemos o rosto de Katy Perry, deixando claro que ela percebeu os problemas que cerca ela, que ela realmente recebeu um senso crítico e agora vê toda a verdade, como ela

estava presa na falsa ideia de movimento, o quanto somos manipulados diariamente e o quanto tudo aquilo que ela creu ser perfeito e fantástico na verdade era vazio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta o que foi observado, a sociedade líquida está presa ao conforto, à falta de pensamento crítico, à insegurança e ao sistema que nos manipula diariamente de forma que muitos nem se quer percebem que são manipulados. É graças a essas ideologias da nossa civilização que artistas e pensadores são motivados a buscar alternativas para apontarem esses erros e apontar uma possibilidade de mudança e melhora para o que estamos fazendo.

Guiados por esse pensamento de justiça e essa vontade de libertar-nos de uma ideologia repreensora, os cantores lançam canções com um teor crítico, expondo aos seus ouvintes os problemas da sociedade e a falta de pensamento crítico da nossa parte como ser humano.

Também levamos em conta que cantoras de *pop music* podem sim trazer uma crítica sociológica em suas canções, o pop não se restringe a canções clichês, feitas para a mídia e para fazer com que as pessoas dançam loucamente. Isso nos remete a Nina Simone, uma cantora de jazz e uma das grandes ativistas do século passado. Em uma entrevista resgatada para o documentário “What Happened, Miss Simone?” (2015), produzido pela Netflix, Nina afirma “How can you be an artist and not reflect the times?”, discutindo a importância de um artista se posicionar politicamente e socialmente. É a partir desse pensamento que Katy Perry ao lado de Sia Furler, Skip Marley e Max Martin, enquadram um discurso delicado que é o conformismo da sociedade, a política e a cegueira moral, em uma proposta vendável e fácil de ser aceita e disseminada. Temos também como exemplo Beyoncé, Lady Gaga, Alicia Keys, entre outros nomes, é visível que, a cultura pop vem discutindo assuntos sérios ao poucos, abrindo caminho para o pensamento crítico. E isso é um bom sinal. “Chained To The Rhythm” é um convite ao despertar interno de cada pessoa. Uma forma de tentar fazer com que a sociedade saia dessa bolha de ilusão.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt e DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral**. Rio de Janeiro: Carlos Alberto Medeiros. Editora Zahar, 2014.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorges Zahar Ed., 1998.

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Carlos Alberto Medeiros. Editora Zahar, 2007.

CESAR, Ligia Vieira. **Poesia e Política nas canções de Bob Dylan e Chico Buarque**.

Curitiba, 1990. Disponível em:

<<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24378/D%20-%20CESAR?sequence=1>>. Acesso em: 09 maio 2017.

CHAVES, Wander Wilson Junior. **Geração beat: uma arte de amigos**. Revistas PUC SP, São Paulo, 2013. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/12750>>. Acesso em: 15 maio 2017.

FERREIRA, DEIVIN. **Teaser e data de lançamento do clipe de “Chained To The Rhythm”, de Katy Perry, são divulgados**. Disponível em:

<<http://katyperrydaily.com.br/2017/02/18/teaser-e-data-de-lancamento-do-clipe-de-chained-to-the-rhythm-de-katy-perry-sao-divulgados/>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

Grammys 2017: Katy Perry On The Meaning Behind 'Chained To The Rhythm' | Access Hollywood. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jp_LAQDpKIE>. Acesso em: 01 jun. 2017.

MATHEUS, FABIO. **Katy Perry confirma crítica social em novo single “Chained To The Rhythm” e inspiração no livro “1984” de George Orwell**. Disponível em:

<<http://www.portalfamosos.com.br/katy-perry-confirma-critica-social-em-novo-single-chained-to-the-rhythm-e-inspiracao-no-livro-1984-de-george-orwell/>>. Acesso em: 03 maio 2017.

TORRES, Leonardo. **“REBORN”**: Katy Perry atica fãs com mensagem enigmática no Instagram. Disponível em: <<http://portalpopline.com.br/reborn-katy-perry-atica-fas-com-mensagem-enigmatica-no-instagram/>>. Acesso em: 03 maio 2017.

VALE, Paulo Vinicius Rodrigues. **Literatura Beat: Tradição & Pós-modernidade.**

Londrina. 2010. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/literatura_beat_tradicao_e_pos_moder_nidade.pdf>. Acesso em: 09 maio 2017.

What Happend, Miss Simone?. Disponível em:

<<https://www.netflix.com/br/title/70308063>>. Acesso em: 07 maio 2017.

Recebido em: 03/08/2018

Aprovado em: 08/12/2018